

GT-03 Gestão escolar, práticas educativas e currículo da educação básica.

A ATENÇÃO TAMBÉM SE DESENVOLVE?

***Lúcia de Fátima da Cunha.**

****Maria da Paz Siqueira de Oliveira.**

Ao longo da nossa experiência em sala de aula, e atualmente ser professora do 5º ano do Ensino Fundamental, temos observado que existe uma grande dificuldade de concentração por parte dos alunos. Mesmo nas situações de aprendizagem consideradas prazerosas, eles ficam desatentos e com olhar distante como se estivessem em outro lugar. Os alunos parecem fingir que não escutam quando lhes dirigimos a palavra e têm dificuldade em seguir instruções ou concluir tarefas. Outros se mexem sem parar, falam muito e não se envolvem silenciosamente nas situações escolares de aprendizagem. Os impulsivos, por sua vez, antecipam suas respostas antes da questão ser concluída, interferem nas tarefas dos outros e nunca esperam a sua vez, como também evitam, não gostam, ou ficam relutantes ao se engajar em tarefas que necessitem de esforço mental contínuo.

Na maioria das vezes, esses alunos são considerados como inquietos, distraídos, e são rotulados pelos professores como preguiçosos. Eles costumam ser desorganizados, recusam-se a ir à escola ou apresentam apatia em relação às diversas situações de aprendizagem em sala de aula. Alunos que apresentam essas características acumulam fracassos, pois não assimilam os conhecimentos propostos no currículo escolar.

Investigar que fatores provocam esses comportamentos é de extrema importância, pois contribui para a compreensão dessa problemática, assim como para a adequação do sistema escolar às necessidades educativas dos nossos alunos, possibilitando a realização de novas aprendizagens e o seu desenvolvimento psicossocial.

Não se pode interpretar um problema de aprendizagem, sem conhecer como se efetiva o desenvolvimento do aluno e sua relação com a aprendizagem. Conhecendo como funciona essa relação, torna-se mais fácil propor situações que propiciem o êxito na vida escolar do aluno. Cabe ao professor buscar e aprofundar seus conhecimentos de modo a favorecer esse processo, tornando a sala de aula um espaço de elaboração conjunta do conhecimento, desenvolvimento das funções, processos e procedimentos mentais, como também de formação de atitudes.

Neste sentido, Vygotsky nos adverte acerca do aprendizado orientado para os níveis de desenvolvimento que já foram atingidos, afirmando a ineficácia do ponto de vista do desenvolvimento global da criança. “[...] a noção de zona de desenvolvimento proximal capacita-nos a propor uma nova fórmula, a de que o ‘bom aprendizado’ é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento” (VYGOTSKY, 1991, p. 100-101).

Para tornar mais explícito seu significado, o autor conceitua zona de desenvolvimento proximal:

A zona de desenvolvimento proximal da criança é a distância entre seu desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas e o nível de seu desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1991, p.97).

E ainda acrescenta:

Desse ponto de vista, aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (VYGOTSKY, 1991, p.101).

Essa problemática nos instigou a investigar a relação entre o domínio das condições peculiares ao processo de ensino e o sucesso na aprendizagem. Dentre essas condições destacamos a questão da atenção.

Nessa perspectiva, cabe questionar qual o papel da atenção no processo de aprendizagem. Frente a este modo de colocar o problema, que introduz a dimensão temporal e coletiva do processo, uma série de perguntas se coloca. Seria a atenção um processo único e homogêneo, variando apenas na proporção do investimento do eu sobre os objetos e tarefas? Haveria um funcionamento cognitivo onde a atenção estaria ausente, podendo ser denominado estado de desatenção? Tratar-se-ia da mesma atenção quando estamos frente a uma obra de arte e quando buscamos a solução de um problema matemático? É a mesma atenção que é mobilizada quando lemos um texto literário e quando assistimos a um programa de TV? Como colocar o problema da relação entre atenção e aprendizagem? Seria a atenção condição ou efeito da aprendizagem?

Nessa direção, o problema da atenção implica a relação entre seu desenvolvimento e aprendizagem. Na tentativa de encontrar resposta a essa questão objetivamos investigar as conexões entre desenvolvimento da atenção dos alunos que se encontram no 5º ano do Ensino Fundamental e a aprendizagem da escrita.

Mais especificamente diagnosticar o estágio de desenvolvimento da atenção e da produção textual desses alunos; refletir com eles sobre a importância do desenvolvimento da atenção para aprendizagens mais efetivas; propor situações de aprendizagem que possibilitem o desenvolvimento da atenção desses alunos e o domínio da produção textual;

Entendendo o desenvolvimento da atenção.

A atenção é vista como uma função mental superior, caracterizada como uma orientação seletiva da consciência para uma determinada coisa, a qual se torna consciente com uma clareza e precisão especiais. A orientação seletiva é o fenômeno principal da atenção e possui três processos seletivos: a estabilidade, o volume e a oscilação. Esse fenômeno desenvolve-se mediado pela aprendizagem.

A aprendizagem, por sua vez, é entendida como atividade do aprendiz mediado pelo professor, propiciando seu desenvolvimento integral, onde a linguagem desempenha uma função fundamental.

A atenção, na atualidade, levanta uma série de questões que remete a diferentes caminhos: biológicos, filosóficos, psicológicos e culturais. Verifica-se um paradoxo no que diz respeito ao conceito de atenção subjacente àquela requerida para a aprendizagem e à que é objeto de estudo no campo dos déficits atencionais. A categoria conhecida como Transtorno de Déficit de Atenção implica uma noção de atenção como função cerebral mensurável, responsável pela capacidade do sujeito manter a seletividade e constância da atenção.

Entretanto, estudos mais recentes (KASTRUP, 2004) apontam para o fato de que os modos como ouvimos, olhamos ou nos concentramos em qualquer coisa têm um caráter profundamente histórico. Entende-se, em acordo com estes autores, que nossa maneira de estarmos atentos não é ditada, apenas, pela biologia ou por algum fenômeno imediato, mas é mediada por nossas vivências num determinado contexto histórico-cultural, que caracterizam nossa forma de atenção ao mundo e a nós mesmos.

A partir dessa abordagem, observa-se um avanço na discussão no sentido de pensar outra forma de compreender o processo atencional: em que a atenção requerida em sala de aula é caracterizada pelo ato de prestar atenção.

O funcionamento da atenção no mundo contemporâneo vem assumindo um papel preponderante. É possível observar que a atenção desliza incessantemente entre fatos e situações, transparecendo certa dificuldade de concentração. Numa busca acelerada de novidade, a atenção é passageira, muda constantemente de foco e é sujeita ao esgotamento em frações de segundos. Quando se procura descrever como a atenção funciona nos dias atuais, o primeiro aspecto que sobressai é uma acentuada dispersão, que resulta da mudança constante do foco da atenção. Não é difícil perceber que alguns fatores participam da produção desse tipo fenômeno. As imagens e textos constantemente veiculados pela mídia, bem como a explosão recente das tecnologias da informação, como é o caso da Internet, tornam disponível uma avalanche de informações, atravessando grandes distâncias em alguns segundos. Por sua vez, os meios de informação portáteis são também fatores importantes, atravessando sem cessar o fluxo da vida cotidiana.

Observamos que há, neste quadro de coisas, algo que é da ordem da qualidade. Há na sociedade contemporânea um excesso de informação e uma velocidade acelerada que provoca uma mudança constante do foco da atenção, em função dos apelos que se multiplicam sem cessar. Como pode ser observado, o ser humano recebe grande número de estímulos advindos do meio em que se encontra. Se não houver uma seleção de estímulos, haverá uma desorganização e nenhuma atividade se tornará possível.

Para compreender esse processo adentraremos de forma sumária nos aspectos fisiológico do seu funcionamento.

Segundo Ratey (2002, p.137), “o sistema de atenção é muito complexo. Começa no centro de excitação do tronco cerebral e sobe através do sistema límbico até o córtex, onde efetua por último a conexão entre o córtex frontal e o temporal”. O tronco cerebral mantém a vigilância e o sistema de alerta, possibilitando a reorientação física do nosso corpo na monitoração do meio ambiente. Para Luria (1991, p.9, grifo do autor), esse nível de vigilância será assegurado “[...] pelos mecanismos de manutenção do necessário tônus do córtex e estes estão relacionados com a conservação de relações normais entre o tronco superior e o córtex cerebral e, acima de tudo, com o trabalho da *formação reticular ativadora ascendente* [...]”.

O sistema límbico é responsável, de um lado, por detectar novos estímulos e, por outro lado, de recompensar. É o sistema de recompensa que produz as sensações de prazer ou desprazer, atribuindo conotação emocional aos estímulos e à memória. Posteriormente se o mesmo estímulo se repete, a memória dessas emoções provoca respostas que vão da alegria à repugnância. O elemento central desse processo é o núcleo acumbente, que, em conexão com a amígdala e outros componentes, constitui-se no centro de prazer do cérebro. Contém altas reservas de dopamina sensível a outros neurotransmissores do prazer (serotoninas e endorfinas). Essas substâncias químicas, fatores essenciais para as sensações de satisfação e recompensa, são fundamentais aos processos motivacionais. “Detectar a novidade e buscar recompensa são as duas forças primárias que dirige a seleção de onde concentrarmos a atenção” (RATEY, 2002, p. 134).

O córtex frontal e o temporal são responsáveis pelas ações e as integram aos objetivos em curto e em longo prazo. Em relação à atenção, o córtex frontal bloqueia os

estímulos irrelevantes e se ativa quando necessitamos de atenção voluntária e, ao mesmo tempo, quando se faz necessário mudar o foco da atenção, surgindo o fenômeno da oscilação. A função exercida pelo giro cingulado anterior é de decidir. É ele quem libera as informações que devem ser transmitidas ao córtex frontal, como devem ser tratadas, sua duração, assim como as que devem ser esquecidas. “O complexo sistema de excitação, emoção e motivação que alimenta o sistema de atenção parece ser coordenado através do giro cingulado anterior”. (RATEY, 2002, p. 138). O córtex temporal ajuda a filtrar ruídos e inibir estímulos internos indesejáveis.

Os conhecimentos advindos das pesquisas acerca do funcionamento do cérebro e da atenção, em particular, têm permitido maior entendimento sobre o desenvolvimento dessa função, o que nos permite compreender melhor seu funcionamento.

O ato de focar a atenção em um determinado estímulo e não em outro está ligado, como vimos anteriormente, ao interesse e à seleção dos estímulos para optar pelo preponderante. A atenção é quase sempre caracterizada como uma orientação seletiva da consciência para uma determinada coisa, a qual se torna consciente com uma clareza e precisão especiais. A orientação seletiva é o fenômeno principal da atenção (RUBINSTEIN, 1973).

Na abordagem sócio-histórica (LURIA, 1991; VYGOTSKY, 1991; RUBINSTEIN, 1973; entre outros), a atenção pode ser definida como a direção da consciência, o estado de concentração da atividade mental sobre determinado objeto. Segundo Vygotsky (1991), a atenção faz parte das funções psicológicas superiores, tipicamente humanas. O funcionamento da atenção baseia-se inicialmente em mecanismos neurológicos inatos e involuntários, gradualmente sendo submetida a processos de controle voluntário, feitos pela mediação simbólica. A atenção responde a estímulos externos, e cada espécie animal tem uma capacidade de atenção que inicialmente volta-se a sua sobrevivência.

No processo de desenvolvimento, nossa atenção vai adquirindo outras características, como, por exemplo, a seletividade. A atenção seletiva é a capacidade de selecionar estímulos e objetos específicos, determinando uma orientação atencional focal. Se não houvesse seletividade, a quantidade de informação seria tão grande e desordenada que seria impossível uma ação organizada do homem. A atenção sustentada refere-se à manutenção da atenção seletiva sobre determinado estímulo, tais processos podem passar ao centro da atenção do homem e torna-se dominante.

Para Luria (1991, p.2):

Há três processos da seletividade de estímulo da atenção: volume da atenção, sua estabilidade e suas oscilações. O *volume* é o número de sinais recebidos ou associações ocorrentes, que podem conserva-se no centro de uma atenção nítida, assumindo um caráter dominante. Para conseguir a atenção de alguém, precisa ser estimulado o seu interesse. A *estabilidade* é a duração com a qual esses processos discriminados pela atenção podem manter o caráter dominante. Neste processo deve-se considerar que existem oscilantes, pois o mecanismo neurológico da atenção é inato e involuntário, mas a atenção não é inata, pode ser desenvolvida. Por *oscilações* da atenção entende-se o caráter cíclico do processo, no qual determinados conteúdos da atividade consciente ora adquirem caráter dominante, ora o perdem.

A capacidade do indivíduo de fixar sua atenção, na visão de Luria (1991), sobre determinada área ou objeto, é conhecida como tenacidade. Na tenacidade, a atenção se prende a determinado estímulo, fixando-se sobre ele. A vigilância é definida como a qualidade de atenção, que permite ao indivíduo mudar seu foco de um objeto para outro.

Segundo Luria (1991), há fatores fundamentais da direção da atenção que são determinados pelas estruturas dos estímulos externos e do campo perceptivo interno. A intensidade ou força dos estímulos externos pode causar oscilações do nível de atenção, com dominância do mais forte. O novo, a novidade do estímulo atrai a atenção. A direção da atenção é determinada pelo estímulo e sua intensidade.

O campo interno da atenção inclui a atividade do sujeito, sua motivação e interesse (nem sempre conscientes), o grau de automação (quanto maior, melhor é a capacidade de fazer mais de uma coisa concomitantemente), o êxito ou fracasso da atenção (o êxito pode aumentar a atenção e o fracasso pode tensioná-la a tal ponto que gere inquietação e agitação do sujeito).

Esse processo de desenvolvimento da atenção está dividido em duas categorias, a atenção involuntária, em que o ser humano não tem controle sobre o que lhe chama a atenção, e atenção voluntária, em que a pessoa decide o que é relevante para si, direcionando sua atenção para o que é mais importante, ou o que lhe estimula mais.

Para Luria (1991, p.22), “a atenção involuntária ocorre quando a atenção do homem é atraída quer por um estímulo forte, quer por um estímulo novo ou por algo interessante (corresponde à necessidade)”. É esse mecanismo involuntário que nos faz virar a cabeça ao ouvir um barulho ou um ruído em determinadas situações na vida, ou seja, a nossa atenção é seduzida por mudanças inesperadas. Esse reflexo também está presente nos animais.

Segundo Rubinstein (1973, p.97):

[...] a atenção involuntária produz-se e mantém-se independentemente da intenção do indivíduo. As características dos estímulos que a acionam, a sua intensidade e novidade, a relação com os instintos, necessidades ou interesses, levam a que determinados objetos, fenômenos ou pessoas dominem a nossa atenção e a captem temporariamente. É esta a forma primitiva da atenção.

O volume dessa atenção é relativamente pequeno, podendo ser distribuído entre vários estímulos, voltando-se para o antecedente sem afastar o seu campo de visão. Na visão de Luria (1991), a atenção voluntária é produto de um desenvolvimento extremamente complexo. As fontes desse desenvolvimento são as formas de comunicação da criança com o adulto, fator fundamental que assegura a formação da atenção voluntária, expressa pela linguagem, que é inicialmente reforçada por uma ampla atividade prática da criança e assegura sua regulação e seu controle dessa modalidade de atenção.

O desenvolvimento da atenção voluntária abre caminho para a compreensão dos mecanismos interiores dessa extremamente complexa forma de organização da atividade consciente do homem que desempenha papel decisivo em toda a sua vida psíquica.

Conforme Rubinstein (1973, p.97), “a chamada atenção voluntária é a atenção conscientemente dirigida e orientada, pela qual o sujeito escolhe volitivamente o objeto sobre o qual está orientada a sua atenção”. A atenção voluntária só é inerente ao ser humano. Então, podemos perceber que o conhecimento humano, como também a sua atividade, são organizadas conscientemente, e nesse esforço consciente orientamos nossa atenção para as tarefas e objetivos mediados pelo outro.

À medida que o trabalho, que nos ocupa e para o qual temos orientada a nossa atenção, vai ganhando interesse imediato, a atenção voluntária passa a ser involuntária. Esta passagem da atenção voluntária para involuntária e vice-versa tem uma importância fundamental na correta organização do trabalho, especialmente do estudo, e isto tanto no aspecto teórico como no prático (RUBINSTEIN, 1973, p.98).

A atenção é um processo que se apresenta no ser humano de forma inata e vai se desenvolvendo de acordo como sua interação com mundo, para isso as pessoas selecionam as informações organizando sua ação no mundo. Dessa maneira, a ação docente deve partir da atenção involuntária para desenvolver no aluno a atenção voluntária à medida que desperte os seus interesses, fazendo com que o próprio estudo seja interessante. No entanto, nas escolas, a falta de atenção das crianças, muitas vezes, está na relação equivocada do conteúdo, que acaba não tendo vínculo com a realidade do aluno.

Nesse sentido, a atenção é um processo que se apresenta no ser humano de forma inata e vai se desenvolvendo de acordo com sua interação com o mundo, para isso as pessoas selecionam as informações, organizando seu modo de ser e agir no seu entorno.

Normalmente, a criança, desde que nasce, é inserida num mundo cheio de informações, com uma grande quantidade de estímulos e de conhecimentos, mas não consegue dirigir sua atenção, pois sua atenção se volta às mudanças ambientais, como por exemplo ao barulho, às coisas a que a criança não está acostumada, etc. Neste período, a atenção do ser humano situa-se no plano de atenção involuntária. Assim, quando a criança tem sua atenção voltada para uma bola que é jogada de um lado para o outro ou uma música alta, ou ainda outra criança gritando, ela não tem controle desta atenção, não seleciona e não controla sua ação, porque esse gesto da criança não é intencional, é involuntário.

Por isso, a atenção dos alunos muitas vezes não se direciona para o objeto de estudo proposto, porém não podemos afirmar que este seja o único responsável, como também não podemos apenas responsabilizar o aluno por suas oscilações de atenção, atribuindo à falta de interesse ou preguiça.

A escola como um todo tem que propiciar situações que possibilitem o desenvolvimento da atenção voluntária do aluno de modo a direcioná-la o processo de ensino e aprendizagem que, mediado pela linguagem, possibilita o desenvolvimento das funções mentais do sujeito, como fica evidenciado na relação que se estabelece entre esses dois processos (VYGOTSKY, 1991).

Planejando o desenvolvimento da atenção

Fica, portanto, claro que o planejamento é inerente à própria atividade humana, e muitas vezes, não tomamos decisão fazendo uso da reflexão sistemática e crítica sobre as intenções de nossa ação. Muitas vezes realizamos práticas baseadas no senso comum, nos costumes, tradições e crenças. Sendo necessário romper com esse modelo fazendo-se necessário elaborar, executar e avaliar constantemente a nossa ação docente, planejando as ações baseando-nos em procedimentos científicos e não na improvisação.

Nesse contexto, o planejamento de ensino refere-se à atividade de ensinar e aprender que se efetiva na sala de aula. Esse estudo abrange situações de aprendizagem que propiciem o desenvolvimento da atenção e o domínio da língua escrita. Para a efetivação desta pesquisa optamos pelo modelo que compreende as etapas a seguir organizadas por Ferreira (2001, p.12). A primeira etapa é entendida como:

Momento motivador – compreende as situações de aprendizagem que propiciem as condições que impulsionam o aluno a agir volitivamente, isto é, agir conscientemente orientado para determinados fins. Para isso, é necessária a compreensão clara e objetiva da finalidade, por um lado; por outro a compreensão das condições nas quais poderá se conduzir a prática. Na relação finalidade-condições dá-se a unidade entre fins para os quais se orientam os motivos ocasionadores da ação e da atividade propriamente dita. Isso mobiliza tanto os aspectos sensório-motrizes, quanto afetivos intelectivos, constituindo um liame entre querer e fazer, o qual mantém,

permanentemente, o desejo de aprender, tornando a aprendizagem significativa para o aluno.

A segunda etapa compreende,

O momento de sistematização – inclui situações de aprendizagem desencadeadoras do processo de internalização do aprendizado. Constitui-se de situações diversificadas, obedecendo a uma gradação de continuidade que possibilitem atingir os fins previstos, ou seja, a partir da interação social entre professores, alunos e recursos didáticos, os alunos reelaborem internamente os atos e ações implícitos. Assim, ampliam-se os significados atribuídos a esses fins e propiciam-se, ao aluno, condições para que desenvolvam suas funções e processos mentais, formem hábitos e atitudes, passando a agir de forma consciente e deliberada.

E a terceira “[...] o momento avaliativo [...] envolve situações de aprendizagem que indiquem o estágio em que cada aluno se encontra no seu processo de organização, unificação e integração dos diversos aspectos do seu agir” (FERREIRA, 2001, p.12). E a coerência e coesão do texto narrativo elaborado por Infante (1998), que diz que a narração deve ter as seguintes etapas: apresentação, complicação, clímax e desfecho ou final.

Em relação ao texto narrativo descritivo consideramos as etapas indicadas por Infante (1998).

- Apresentação – parte do texto em que situa alguns personagens e são expostas algumas circunstâncias da história, como o momento e o lugar em que a ação se desenvolverá, criando-se um cenário e uma marcação de tempo para os personagens iniciarem suas ações. Nessa etapa, considera-se o fato de que nem todo texto narrativo tem esta primeira parte: há casos em que já de início se mostra a ação em pleno desenvolvimento.
- Complicação – parte do texto em que se inicia propriamente a ação. Por algum motivo, acontece alguma coisa ou algum personagem toma uma atitude que dá origem a transformações no estado inicial, expressas em um ou mais episódios. Encadeados, esses episódios se sucedem, conduzindo ao clímax.
- Clímax – ponto da narrativa em que a ação atinge seu momento crítico, tornando inevitável o desfecho.
- Desfecho ou Desenlace – solução do conflito produzido pelas ações dos personagens. Restabelece-se o equilíbrio, podendo haver esboço para uma avaliação de tudo o que foi narrado.

Com base nessas etapas analisaremos os textos dos alunos.

Trabalhando o desenvolvimento da atenção dos alunos através da escrita.

Para diagnosticar os conhecimentos prévios relativos à produção textual, fizemos uso da gravura. No primeiro momento pedimos aos alunos para colorir a gravura por entender que essa situação de aprendizagem iria possibilitar ao aluno observar os detalhes do desenho. Através desta observação, ativar-se-ia a imaginação criadora, pois este exercício concentra a atenção do aluno no objeto da criação. O segundo momento foi dedicado à discussão oral, em que foram comentados os aspectos observados. Em seguida cada aluno iniciou a sua produção textual escrita.

Analisando a aprendizagem da atenção

A análise da construção empírica tem como parâmetro os fundamentos teóricos metodológicos que orientam o estudo e categorias elaboradas para sua consecução. Para análise do desenvolvimento da atenção serão considerados os indícios desse desenvolvimento, tanto nos aspectos voluntários como nos aspectos involuntários, conforme os resultados dos estudos apresentados por Luria (1991); Rubinstein (1973); Liublinskaia (1979); que tratam da atenção como função mental estabelecendo uma relação com a aprendizagem.

Assim, utilizamos a classificação elaborada por Luria (1991), considerando os três processos da seletividade de estímulo da atenção: volume, estabilidade e oscilações. O volume entendido como o número de sinais recebidos ou associações ocorrentes, que podem conserva-se no centro de uma atenção nítida, assumindo um caráter dominante. A estabilidade considerada como os processos discriminados pela atenção que mantêm o caráter dominante. Oscilações compreendidas como o caráter cíclico do processo, no qual determinados conteúdos da atividade consciente ora adquirem caráter dominante, ora o perdem. Para tanto, utilizaremos a construção do texto em que os alunos irão perceber a gravura e produzir o texto segundo sua imaginação que é um requisito básico para atenção concentrada.

É importante frisar que o diagnóstico do estágio de desenvolvimento de cada aluno, referente à construção do texto narrativo, não se trata de um julgamento sobre sucesso ou fracasso; mas sim de um recomeço da atividade de ensinar e aprender, pois assim poderemos reorganizar a ação educativa, abrindo possibilidades de acompanhar a aprendizagem do aluno.

Analisando esses elementos, percebemos que 7 alunos deram título ao texto, iniciaram a descrição do ambiente, falou em aventura, porém não disse qual era a aventura, deixando o texto sem uma sequência lógica, sem coerência, uma vez que não inclui os elementos de coesão.

Constatamos que os alunos 9 alunos conseguem apenas formular frases, descrevendo os elementos da gravura, porém ainda não cumprem com as etapas para a construção do texto narrativo. O estágio de construção do texto narrativo ainda se encontra na fase elementar da organização, embora essas frases apresentem coerência e coesão com a gravura apresentada.

Percebemos que o resultado desse grupo condiz com a falta de atenção apresentada por eles no decorrer das aulas e no cumprimento das tarefas escolares, com essa concepção Vygotsky (2000, p. 311) coloca: “À medida que a memória e a atenção é impulsionada para o desenvolvimento, a aprendizagem escrita também é favorecida com esse desenvolvimento”.

Ainda nessa direção, o autor comenta: “[...] a escrita, enquanto função nova, repete, em sua evolução, as etapas básicas outrora desenvolvidas pela fala e que, conseqüentemente, a escrita de uma criança de oito anos deve necessariamente lembrar a fala de uma criança de dois” (VIGOTSKI, 2000, p.311).

Dando continuidade ao processo de análise, observamos que 6 alunos fazem a apresentação, inicia a complicação e finalizam o texto e ainda demonstram coerência e coesão no discurso oral, porém na escrita ainda precisam se expressar com mais clareza. Corroborando com Vygotsky (2000, p.312), quando esclarece:

[...] a linguagem escrita é ainda mais abstrata que a falada em mais um sentido. É uma linguagem sem interlocutor, produzida em uma situação inusual para a conversa infantil. A situação da escrita é uma situação em que o destinatário da linguagem ou está totalmente ausente ou não está em contato com aquele que escreve. É uma linguagem-monólogo, uma conversa com a folha de papel em branco, com um interlocutor imaginário ou apenas representado, ao passo que qualquer situação de linguagem falada é por si

mesma e sem nenhum esforço por parte da criança, uma situação de conversação.

Assim sendo, podemos compreender os motivos pelos quais os alunos não conseguem ainda cumprir com a etapa do clímax, pois necessitam de fazer abstrações que se darão pelo desenvolvimento dos processos mentais particularmente a atenção.

O resultado da nossa análise evidencia que a dificuldade mais evidente das crianças é de organizar as ideias e sequenciar o texto na lógica proposta por Infante (1998). Apenas 3 alunos apresentam essa condição de elaboração com coerência e coesão. É importante destacar que se trata dos alunos que apresentam o estado mais avançado do desenvolvimento da atenção.

Refletindo e estando atento

No nosso entender, a capacidade de refletir é extensiva a todo ser humano, inclusive a criança. Nessa perspectiva é que colocamos a questão da viabilidade de desenvolvermos na criança a capacidade de refletir, tendo como referência o desenvolvimento da atenção.

Qualquer estratégia que pretenda proporcionar a reflexão permite desenvolver as funções mentais, particularmente, a atenção, como também permite ao professor conhecer, analisar, avaliar e questionar sua própria prática docente.

A partir da discussão e reflexão conjunta, torna-se possível buscar outras propostas para a reconstrução da prática pedagógica. Segundo Freire (1996), o momento fundamental na formação permanente dos professores é o da reflexão crítica sobre a prática. “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 44).

Por essa razão, é que, no processo de ensino-aprendizagem, é importante analisar se o aluno está transitando entre os dois tipos de atenção, *a involuntária e a voluntária*, ou se há permanência maior em um determinado tipo. A atenção *voluntária* só é possível quando se tem consciência da necessidade e importância daquilo que almejamos, permitindo que se torne o alvo da nossa atenção. Essa modalidade nos leva a focalizar um determinado objeto, “desligando-nos” dos demais estímulos que estão ao nosso redor.

Como esclarece Rubinstein (1973, p.86), “[...] a atenção é quase sempre caracterizada como uma orientação seletiva da consciência para uma determinada coisa, a qual se torna consciente com uma clareza e precisão especiais”.

Assim, se a situação mediadora foi privilegiada para tentar reduzir os problemas referentes às dificuldades de atenção, a sessão reflexiva torna-se ideal para as propostas de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Portanto, o processo de ensino-aprendizagem é mediado pelo professor, mas é de responsabilidade de todos, inclusive das crianças, que passam a ter compromisso com o ato de aprender, que erra, mas sabe que é possível corrigir, que acerta e sente vontade de ir adiante.

O professor por sua vez promove espaços de discussão em que o aluno compreende que ninguém aprende por acaso, são necessários vontade e desejo, e que, quanto mais colaboramos com o outro, mais ensinamos e aprendemos, sendo a atenção um dos elementos fundamentais para que isso se efetive.

REFERÊNCIAS

- FERREIRA, Maria Salonilde. Oficina Pedagógica: recurso mediador da atividade de aprender. In: Ribeiro, M.M.G.; Ferreira, M.S. (Orgs.). **Oficina Pedagógica: uma estratégia de ensino-aprendizagem**. Natal: EDUFRN, 2001.
- INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação**. São Paulo: Scipione, 1998.
- KASTRUP, Virginia. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v.16, n.3, p.7-16, set./dez. 2004.
- LIUBLINSKAIA, Aleksandra A. **Desenvolvimento psíquico da criança**. Lisboa: Editorial Notícias, 1979.
- LURIA, Alexander R. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. 4v.
- RATEY, John. **O cérebro, um guia para o usuário**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.
- RUBINSTEIN, Sergey L. **Princípios de psicologia geral**. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.
- VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.